

KEN GREENHALL



Elizabeth



cavalo de ferro

I

Quando a avó desapareceu, o vidro do espelho grande e elegante que ela tinha no quarto foi encontrado espalhado pelo chão em pequenos cacos reluzentes, quais fragmentos de um mosaico derribado e esmaecido.

Alguma vez pensou em espelhos? Talvez sim. Na sua casa de banho, porventura, numa noite tranquila de domingo, enquanto se ocupava de um daqueles hábitos pessoais de que nunca falamos. Acaso estivesse a cortar os pêlos que emergem da escuridão húmida das suas narinas. O único som, o das lâminas da pequena tesoura.

Espero que não se sinta constrangido com a minha franqueza. Lembre-se de que já não sou uma criança; sou uma jovem. É o que o meu espelho me diz, e o olhar dos homens também. Quando era mais nova, vi James, o irmão do meu pai, olhar para o nosso cão e depois para mim com a mesma expressão. Não tardei a ensiná-lo a olhar para mim de uma maneira que não olhava para mais nada.

Mas estávamos a falar de espelhos. Já pensou no quanto depende deles? Estaria convencido da sua beleza ou do seu encanto pouco convencional se o seu espelho não o assegurasse disso tantas vezes ao dia? Talvez esteja a ser enganado; a sua pele pode não ser realmente imaculada; porventura uma ligeira flacidez de um dos lados imperfeição e a curva sensual e ininterrupta do

seu lábio inferior. Na verdade, não há forma de saber se o espelho lhe mostra a realidade ou o que os outros vêem.

Se já reflectiu a sério sobre espelhos, conhecerá o mistério que ocultam. Se esta noite entrasse no seu quarto — quem sabe à luz da vela — e se sentasse diante do espelho, talvez visse o que eu vi. Sente-se tranquila e pacientemente, sem olhar nem para si nem para o espelho. Acaso repare que a imagem reflectida não é a sua, mas a de uma pessoa excepcional que viveu numa outra época.

*

Chamo-me Elizabeth Cuttner e tenho catorze anos. Sei que a minha história despertaria mais o seu interesse se eu fosse uma pessoa de meia-idade, mas peço-lhe que se lembre de como era quando tinha catorze anos. Seria então mais perspicaz do que é agora? É quase certo que na altura tinha uma paixão por qualquer coisa. O que o apaixona agora?

Admito que há muitas coisas sobre as quais sei muito pouco. Mas há muitas coisas que sei. Sei, por exemplo, que recentemente se sentou a ver televisão com alguém que era de esperar que amasse, e que não pensou nem nessa pessoa nem no que estava a ver. Porventura tenha pensado com saudade ou contrição em alguma coisa que lhe aconteceu quando tinha catorze anos.

Julgo saber a percepção que tem do mundo. Talvez assim não fosse há dois anos, quando eu era uma menina; porém, como lhe disse, sou uma mulher agora, e não há sentimento que tenha experimentado que eu não tenha vivido também. É possível que eu tenha tido experiências importantes que a si lhe foram negadas. Julgo que acabará por chegar a essa conclusão.

Vim viver com a minha avó há cerca de um ano, depois de ter matado os meus pais. Não quero parecer insensível. Permita-me que lhe explique.

II

A minha mãe e o meu pai tinham-me levado de férias para o bangalô da família no Lago George, em Nova Iorque. O bangalô tinha qualquer coisa de misterioso, que sempre me fascinara. Interessavam-me sobretudo as inquietantes marcas deixadas por anteriores residentes: manchas estranhas; o pequeno buraco na parede da casa de banho, tapado com um pedaço de papel amarelado e ressequido; queimaduras de cigarro na orla da mesa de pinho envernizado.

À noite, ouvia o marulhar do lago contra as rochas e, meio desperta, meio a dormir, acontecia-me confundi-lo com o som de alguém a sufocar.

Naquela manhã, decidi surpreender os meus pais servindo-lhes o pequeno-almoço na cama, estreita e húmida. Acordei ao nascer da aurora e pus os pés no chão frio, sentindo a aspezeza da madeira onde outros pés tinham desgastado o verniz. Atravessei o quarto lentamente e, sob a claridade parda da divisão, dei-me conta de um movimento inesperado que me sobressaltou, até perceber que era o meu reflexo no velho espelho de orla enferrujada suspenso sobre a cómoda.

Foi então que ouvi pela primeira vez a voz que viria a tornar-se tão familiar e importante para mim. Soou, contudo, tão distante e branda que a tomei por uma ilusão causada pelos

estridentes gorjeios com que a passarada recebera o despontar do dia.

Detive-me em frente ao espelho. Levei os dedos aos cantos exteriores dos olhos semicerrados e senti as pequenas incrustações que ali se tinham formado durante a noite. Inclinei-me, agarrei a bainha da camisa de noite amarrotada e despia-a pela cabeça. Olhei novamente para o espelho, senti um calafrio e afastei-me. Era como se um desconhecido me tivesse observado o corpo. A sensação agradou-me.

— Pequeno-almoço. Trouxe o pequeno-almoço.

Os meus pais não estavam a dormir, e nas suas expressões de surpresa misturava-se gratidão e contrariedade. O meu pai passou a mão pela face pálida e ouvi o sibilo da sua barba. Não tivera ainda tempo de afectar o ar confiante e enérgico que apreciava exhibir, e vi-o como a minha mãe e eu o conhecíamos. Tinha uma fila de aranhões rosados no peito.

A minha mãe estava corada. Puxou o lençol para cobrir os seios. Ela e o meu pai queriam que eu acreditasse que o corpo humano nada tinha de vergonhoso, mas nós os três sabíamos que não era bem assim.

Um raio de sol deveria ter feito cintilar as gemas dos ovos que estrelara, mas naquele dia não havia sol. Pousei o tabuleiro em cima das coxas dos meus pais. Dirigi-me para o lado da cama onde o meu pai dormia. Cingiu-me com o braço e pressionou a sua face hirsuta contra a minha. Quando me beijou, encostei um dedo a cada arranhão que tinha no peito. O seu hálito rânido cheirava ao uísque da noite anterior. O meu pai tinha um problema com a bebida, segundo a minha mãe, mas, segundo ele, àquilo chamava-se gosto pela vida.

A minha mãe empurrou o canto de uma torrada contra a gema do ovo, libertando o líquido quente e brilhante. Sorrimos

os três, mas ninguém disse nada. Dei-me conta de que os pássaros se tinham calado e se levantara vento.

Nessa manhã, passeei pela floresta. Sempre apreciei a solidão e acho particularmente excitante estar rodeada pelo não-humano. Talvez qualifique de agradáveis todas as coisas que vivem numa floresta. Não sei como pode acreditar em tal coisa. Se calhar, não observa com atenção, e vê apenas esquilos e margaridas. E as toupeiras, e os cogumelos? Nessa manhã, vi ambos. A toupeira estava morta, com o pêlo macio enxameado de formigas. Os cogumelos eram de um laranja garri-do e tinham um brilho quase fosforescente sob a luz tênue que penetrava a espessa folhagem estival das árvores.

Na floresta ali em redor há também cartazes a alertar contra cascavéis e com instruções sobre como tratar mordeduras. Parei para ler um desses cartazes, consciente da vida que se escondia à minha volta, e interroguei-me sobre o que veria se me levantasse e virasse a pedra sobre a qual me sentara.

Não estava longe do bangalô e, pelos sons que me chegavam, sabia que a minha mãe lavava a louça do pequeno-almoço e o meu pai tomava um duche. Pratos baratos e desirmanados chocavam contra o lava-louça e o jacto irregular do chuveiro ribombava contra as paredes metálicas da cabina.

Ambos cantavam. Creio que nenhum deles sabia uma canção inteira, mas conheciam centenas de excertos, que juntavam, criando miscelâneas desconcertantes. A maior parte das letras falava de amor. No meu parecer, os meus pais não se amavam, porém, à semelhança de muitas pessoas, acreditavam que deviam amar-se. Nunca percebi a utilidade do amor.

Preparava-me para regressar ao bangalô quando uma coisa se mexeu no chão, à minha frente. Parei e olhei para o solo húmido e mofento coberto de vegetação a decompor-se.

Um instante depois, mais um movimento súbito e, aos meus pés, deparei com a criatura mais cativante que jamais vira. Concluí que se tratava de um sapo. Era da cor de carne putrefacta e estava salpicado de verrugas de um verde fusco. Peguei nele. Era como segurar a mão de um anão morto. O sapo não se debateu; fitou-me apenas com dois olhos que pareciam duas minúsculas uvas descascadas. Entreolhámo-nos por uns minutos durante os quais senti o seu coração bater contra a minha palma. Também o meu coração batia apressado, com um entusiasmo que, ao início, tomei por medo. Vendo a criatura refastelada na minha mão, percebi, contudo, que eu não sentia medo. Pressionei o sapo com ternura contra o peito e dir-se-ia que os nossos corações batiam em uníssono.

Não fui capaz de me separar dele, não obstante a sua fealdade. Não fez qualquer tentativa de fugir de mim, por isso decidi levá-lo comigo para o bangalô.

No alpendre, de calções de banho e com um copo de uísque na mão, o meu pai contemplava Tongue Mountain, na outra margem do lago. A névoa que encobrira a montanha dissipava-se. O vento era fresco e o tom plúmbeo e monótono do céu tingia-se de nuvens escuras. O meu pai estremeceu. Tinha a pele amarelenta e inanimada, e fez-me pensar em carne de galinha exposta num mercado. As suas pernas eram magras e sobre o cós dos calções amontoava-se um rolo de carne. Dar-se-ia conta de como era feio?

Viu-me e sorriu.

— Que tal um passeio de canoa? — desafiou-me ele.

— Está bem. Mas primeiro tenho de guardar isto. — Estiquei os braços e mostrei-lhe o sapo. O meu pai abeirou-se de mim e olhou para o que eu tinha nas mãos. Tal como esperava, ficou amedrontado. Deu um gole no uísque e perguntou:

— Não tens medo de apanhar verrugas?

— Não. Fico com ele como animal de estimação.

O meu pai olhou-me com um ar solene. Tentei imaginar o que ele pensava. Fazia-o amiúde, porque ele escondia os seus pensamentos. O meu pai era corretor da Bolsa e certa vez dissera-me que o segredo para vender acções era conseguir distrair os clientes das verdades desagradáveis. Porventura tivesse razão, uma vez que ganhava muito dinheiro. Eu estava convencida, porém, de que era mais fácil evitar verdades desagradáveis nos negócios do que noutras áreas da vida, pois vira-o cambalear e vomitar. E vira-o acariciar Miranda, a minha colega de escola.

A porta mosquiteira bateu e a minha mãe apareceu.

— Que estão vocês os dois a fazer? — perguntou ela.

O meu pai pareceu aliviado.

— A nossa filha capturou um bicho.

A minha mãe calçara sandálias e, ao dirigir-se para nós, recordei-me de que os pés eram a parte mais feia do seu corpo. Gostava de imaginar que os seus dedos retorcidos e protuberâncias córneas eram um sinal de ter sido torturada em jovem.

A minha mãe ficou fascinada com o sapo.

— Tão amoroso — disse ela. — Que vais fazer com ele?

— Esperar até que esteja sozinha — respondeu o meu pai.

— E depois beijá-lo, na esperança de que se transforme num príncipe.

Não pensara nisso, mas quando o meu pai o sugeriu soube que beijaria o sapo. Não com um príncipe em mente, porém.

— Que emocionante — comentou a minha mãe. Aproximou a cara do sapo. — Imagino que não queiras partilhá-lo comigo.

O meu pai irritou-se.

— Porque será que as mulheres belas se sentem sempre atraídas pelo que é feio?

A minha mãe presenteou-o com um sorriso.

— Sorte a tua que assim seja, não?

Era o seu jogo preferido: dizer uma crueldade com um sorriso e um tom brincalhão. Se o meu pai se ofendesse, mostrava que não tinha sentido de humor, e perdia o jogo.

Ele sabia que a única maneira de não perder o jogo era sorrir e devolver o insulto.

— Oh, não me referia a ti, querida — respondeu ele. — Falava de mulheres *belas*.

O meu pai nunca ganhava o jogo, porque, ao contrário da minha mãe, raras vezes falava a sério. Foi a vez da minha mãe.

— No que toca à beleza, querido, não és propriamente uma autoridade na matéria. E o mesmo se aplica a muitas outras coisas, com excepção dos negócios e do álcool.

O meu pai riu-se, o que significava que fora derrotado. Odiei a minha mãe por ter encetado o jogo e odiei o meu pai por ter concedido a derrota.

— Podemos ir agora dar o passeio de canoa? — perguntei.

O meu pai alegrou-se por mudar de assunto. Contemplou o lago, encrespado e cheio de carneirinhos.

— Parece-me um pouco agitado, Elizabeth. Talvez logo à tarde esteja melhor.

— Há cinco minutos não achaste que estivesse agitado.

— Está muito mais, agora.

Não era verdade. O que se passava era que a minha mãe o deprimira, e, por isso, queria sentar-se e beber.

— Acho que vou vestir mais qualquer coisa — disse ele. Esvaziou o copo e entrou no bangalô.

A minha mãe observou-o com um ar comprazido. Virou-se então para mim:

— Porque não vais arranjar uma casa para o teu sapo, querida? Há caixas vazias no armário. Vou até ao pontão.

Passou-me pela cabeça que fosse dar um passeio de canoa.

Aos catorze anos, Elizabeth Cuttner não tem ilusões sobre o mundo nem sobre si mesma. Olhou-se ao espelho e viu a verdade. Depois da morte dos pais, à qual talvez não tenha sido totalmente alheia, esta descendente de uma longa linhagem de bruxas é acolhida pela avó e pelo tio numa mansão em Manhattan, um dos poucos vestígios antigos da cidade que resistem ao avanço dos arranha-céus. Num ambiente impregnado de erotismo, relações dúbias e sádicas, de uma violência velada mas não menos perturbante, Elizabeth entra no mundo do sobrenatural e das artes mágicas, guiada pelas aparições de uma antepassada, aprendendo a exercer todo o seu poder como instrumento de manipulação, com absoluta malevolência e sangue-frio.

Clássico do terror gótico norte-americano, que tem sido alvo de uma redescoberta internacional, *Elizabeth*, de Ken Greenhall, é um romance invulgar e do «inatural» protagonizado por uma heroína de sensualidade arrepiante, uma Lolita cerebral, sarcástica e extraordinariamente verosímil.

«Retrato elegante de um mundo em que o mal é total
e triunfa por completo.»

Sunday Times

«A prosa de Greenhall é límpida, nítida, e não precisa
de pormenores truculentos para descrever o horror.»

La Repubblica



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

cavalodeferro

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-552-6



9

789895 895526